

# Ética: da conservação raciocêntrica à libertação em Jesus Cristo

*Everton Nery Carneiro*<sup>1</sup>

## **RESUMO**

Nossa reflexão aborda a perspectiva de que a ética ocidental está asentada no raciocentrismo, que tem sua gênese no modelo socrático-platônico. Esta ética é diferente da ética do evangelho, portanto da ética cristã, a qual tem sua base nos discursos atribuídos a Jesus Cristo, os quais são libertadores e revolucionários. Buscar essa proposta ética é uma busca em torno do sentido do texto, libertador e revolucionário, que traz como possibilidade fazer um mergulho na sua vida de Jesus, no seu ambiente, nas suas relações, nos seus discursos e na sua ação, ou no que dizem que ele falou e principalmente o que os testemunhos de sua vida oferecem aos outros. Na construção do discurso religioso e na construção da ética encontramos a linguagem na perspectiva comunicativa e da própria interação social. Assim, para tratar da ética de e em Jesus é de suma importância que se parta do princípio que a sua mensagem é universal e, portanto, se faz mister realizar a sua tradução numa linguagem que também sendo universal possa alcançar a todos indistintamente, provocando uma clarificação em um mundo formado por um grande número de pessoas que se relacionam de forma cada vez menor com o sagrado, sendo estas pessoas produto de um intenso processo de alienação e colonialismo.

---

<sup>1</sup> Docente da Universidade do Estado da Bahia. Doutorando em Teologia (EST- Pesquisador CAPES); Mestre em Teologia (EST); Salvador – Bahia – Brasil. E-mail: [evertonery@yahoo.com.br](mailto:evertonery@yahoo.com.br)

**PALAVRAS-CHAVE**

Ética. Jesus. Razão. Fé. Alienação.

**ABSTRACT**

Our reflection addresses the perspective that Western ethics is grounded in raciocentrismo, which has its genesis in the Socratic-Platonic model. This ethics is different from the Gospel ethics, so it is different from Christian ethics, which is based on the various speeches attributed to Jesus Christ that are liberating and revolutionaries. To search this ethics proposal is a search around the liberating and revolutionary meaning of the text, bringing the opportunity to go deep in the life of Jesus, in their environment, in their relationships, in their speeches, and in their action, in his speeches and especially what the testimonies of his life offer to others. In the construction of religious discourse and ethics we find the language in communicative perspective and its own social interaction. So, do deal with Jesus' ethics is of paramount importance to assume that its message is universal and that is necessary to translate it in a language that can also be universal and can reach everyone indiscriminately, bringing light in a world made up of a large number of people that relate less and less with the sacred, and these people are a product of an intense process of alienation and colonialism.

**KEYWORDS**

Ethics. Jesus. Reason. Faith. Alienation.

**Introdução**

Na sociedade atual, com frequência as discussões sobre ética se fazem presentes, principalmente em vistas da crise civilizatória que se tem vivido. Essa sociedade em crise e em permanente transformação, regida pela razão em um modelo que podemos denominar de raciocentrismo, levanta questões acerca de uma axiologia fundamental do comportamento humano, como pode ser observado na grande quantidade de publicações cuja temática é a ética. Ao passo em que o desenvolvimento

técno-científico é percebido largamente na cotidianidade<sup>2</sup> da existência humana é preciso perguntar: Quais os princípios éticos orientadores da reflexão e ação humana? Percebe-se com alguma facilidade que a sociedade ocidental tem tido um extraordinário desenvolvimento tecnológico e científico, ao passo que no que se refere ao desenvolvimento humanístico tem sido de uma grande mediocridade em termos gerais.

## 1. Princípios e fundamentos

A ética ocidental assentada no racionismo, que tem sua gênese no modelo socrático-platônico, está falida. Algo novo precisa tomar lugar nessa massa falida e sem esperança. Esse algo novo que se apresenta é a ética de Jesus, e isto representa um paradoxo. Buscar a proposta ética de Jesus é fazer um mergulho na sua vida, no seu ambiente, nas suas relações, na sua fala e na sua ação, ou no que dizem que ele falou e principalmente o que os testemunhos de sua vida oferecem aos outros. Enfim, a vida de Jesus narrada nos evangelhos revela a sua ética. Buscar a ética de Jesus é verdadeiramente trilhar o caminho que Ele propôs e o jeito todo especial que Ele chamou a todos a caminhar com ele, com coragem que “... é uma realidade ética, mas se enraíza em toda a extensão da existência humana e basicamente na estrutura do próprio ser. Deve ser considerada ontologicamente a fim de ser entendida eticamente”<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> “É a junção de diferentes cotidianos; onde os mesmos são comandados pelo mercado, pelo marketing e pela publicidade, gerando o modernismo com sua prática tecnológica, pelos vários saberes envolvidos. Todos os cotidianos estão entrelaçados; agindo em função de uma realidade social, exercendo cada um a sua especificidade; como por exemplo: O professor tem um cotidiano, o teólogo tem outro cotidiano; o pastor segue outro cotidiano e assim sucessivamente; sendo que todos eles tem um canal de comunicação entre si. O cotidiano é a peça mutável e influenciável dentro do conjunto da vida cotidiana, sendo ele o responsável pelo andamento e direção dada as práticas sociais como um todo. Este cotidiano interfere sobre essas práticas, ditando o que deve ser utilizado com o intuito de atender as demandas da vida cotidiana. O conjunto dessas práticas dessas práticas no cotidiano pode ser compreendida como a cotidianidade.” Adaptado de: Disponível em <<http://www.slideshare.net/cotidiano/cotidiano-e-cotidianidade>> Acessado em 26/07/2011 às 20:45

<sup>3</sup> TILLICH, Paul. *A Coragem de ser*. Tradução de Eglê Malheiros. 3ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1976, p. 1.

Mazzarolo afirma que “... a ética grega não era a mesma que a ética do evangelho”<sup>4</sup>, pois ao chegar a Corinto, Paulo se depara com a seguinte declaração popular, como consta em 1 Coríntios 6.12a: “Tudo me é permitido!” Buscando trilhar o caminho ensinado pela ética de Jesus, Paulo diz: “Tudo me é permitido, mas nem tudo me convém. ‘Tudo me é permitido’<sup>5</sup>, mas não vou deixar que nada me escravize.” (1 Coríntios 6.12)

É na sabedoria da vida que a ética tem o seu nascimento na Grécia antiga. Segundo Vaz:

A ética se origina, pois, do saber ético. Ela não é, em suma, senão o próprio saber ético de determinada tradição cultural que, numa conjuntura de crise do ethos, recebe uma nova expressão tida como capaz de conferir-lhe uma nova e mais eficaz força de persuasão, no momento em que suas expressões tradicionais, a religião e a sabedoria da vida, perdiam pouco a pouco a credibilidade. Essa nova expressão adotará uma nova forma de linguagem, a linguagem do logos demonstrativo ou da ciência, que se impunha como novo e triunfante referencial simbólico em função do qual pouco a pouco se reorganizava o mundo da cultura. O nascimento da Ética insere-se, portanto, nesse grande movimento de transformação da cultura grega nos séculos V e VI (sic) que antecipa, de alguma maneira, o destino ocidental<sup>6</sup>.

Para tratar da Ética de e em Jesus é de suma importância que se parta do princípio que a sua mensagem é universal e, portanto, se faz mister realizar a sua tradução numa linguagem que também sendo universal possa alcançar a todos indistintamente, provocando uma clarificação em

<sup>4</sup> MAZZAROLO, Isidoro. “A ética e a diaconia da eucaristia”. In: Exigências éticas na Bíblia. *Estudos Bíblicos* 77, 2003, p. 55.

<sup>5</sup> “Paulo está provavelmente falando de alguns da congregação de Corinto que se jactavam do direito de fazer tudo que quisessem. O apóstolo contrapõe-se, observando que essa ‘liberdade’ de ação talvez não seja benéfica para o cristão, “... não deixarei que nada me domine.’ A pessoa pode ficar escravizada às ações de que participa livremente... A liberdade pessoal e o desejo de fazer valer direitos próprios não são as únicas preocupações da vida. É necessário levar em conta também o bem alheio.” Bíblia de Estudo NVI – Nova Versão Internacional / Organizador Geral Kenneth Barker (et al.). São Paulo: Editora Vida, 2003. Notas de rodapé 6.12 e 10.23, p. 1961, 1968.

<sup>6</sup> VAZ, Henrique Cláudio Toledo de Lima. *Escritos de filosofia*. São Paulo: Loyola, 1999. Vol. 4. Introdução à ética filosófica, t. 1, p. 57.

um mundo formado por um grande número de pessoas que se relacionam de forma cada vez menor com o sagrado. Em outro sentido, a própria teologia precisa passar por uma transformação de postura tanto de seus fundamentos, de seu pensar e agir ético, como também de veiculação da mensagem bíblica. Neste sentido, além de se trabalhar com o amor a sabedoria, trabalhar-se-ia também com a sabedoria do amor. Sobre essa mensagem, pretensamente universal é preciso abordar o que chama atenção Fernet-Betancourt, ao ser citado por Noé: “... no hay universal ni hay particular, hay universos; hay una pluralidad de universos. Y que em esa pluralidad de universos tenemos una pluralidad de razones”<sup>7</sup>.

Entendemos que todo conceito é um conceito construído a partir da vida, assim:

[...] toda ciência é uma ciência e a vida é sempre muito mais antiga do que qualquer ciência. Como toda ciência, também as ciências da vida vêm depois e a reboque de uma determinada interpretação da vida, que só se obtém com a experiência comunitária de um pensamento radical<sup>8</sup>.

A ética como ciência que estuda a finalidade do bom comportamento dos seres humanos, deve avaliar os meios a serem aplicados para que a citada conduta se reverta sempre em favor do ser humano.

Parafraseando Paulo na sua Primeira Carta aos Coríntios 13.12b: na atualidade meu conhecimento é apenas limitado, mas num futuro, que sempre está vindo, poderei conhecer cada vez mais como sou conhecido, ou seja, a cada dia serei capaz de me conhecer como verdadeiramente ou aproximadamente sou conhecido. Numa perspectiva ética Leone ao fazer uma abordagem a partir de Levinas afirma que “... a ética não é o corolário da visão de Deus, é a visão de Deus, pois a ética é uma

---

<sup>7</sup> Tradução do autor: “Não há universal, nem há particular; existem uma pluralidade de universos. Nessa pluralidade de universos temos uma pluralidade de razões.” FERNET-BETANCOURT *apud* OVIEDO, 2005 *apud* NOÉ, Sidnei Vimar. *Multi e interculturalidade na América latina*. Dimensões do cuidado e aconselhamento pastoral: contribuições a partir da América Latina e do Caribe. Hugo N. Santos (editor). São Paulo. ASTE. São Leopoldo – Rio Grande do Sul. CETELA. 2008, p. 72.

<sup>8</sup> LEÃO, Emanuel Carneiro. *Aprendendo a pensar*. Vol 02. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 132.

óptica”<sup>9</sup>. É importante, pois, que o ser humano seja e torne-se o coração da observação em harmonia com o meio em que está imerso. Aqui tem-se, pois, a ética cuidando das formas ideais da ação humana na busca da essência do ser, procurando conexões entre o material e o espiritual, sem haver dicotomia, procurando os modelos de conduta adequados, que são os objetivos dos seres humanos. Assim, o que a ética estuda é a proposta de ação que, liderada pela razão, é observável e variável, representando e concretizando a conduta humana. Neste trilha, Valls afirma sobre ética:

É entendida como um estudo ou uma reflexão, científica ou filosófica, e eventualmente até teológica, sobre os costumes ou sobre as ações humanas. Mas também chamamos de ética a própria vida, quando conforme aos costumes considerados corretos. A ética pode ser o estudo das ações ou dos costumes, e pode ser a própria realização de um tipo de comportamento<sup>10</sup>.

Ao realizar-se uma reflexão teológica, entende-se que “... como forma de reflexão da fé cristã também é essencialmente interpretação de texto (...) Nesse sentido, a teologia é, em seu todo, um processo interpretativo”<sup>11</sup>, que leva em conta a vida, tanto numa perspectiva prática como teórica, tendo em vista que a ética, a partir das narrativas sobre Jesus nos evangelhos, inexistente qualquer tipo de separação.

Ávila, ao flertar um pouco com a poesia e a religião (“... uma forma específica pela qual as pessoas interpretam as suas vidas”<sup>12</sup>), faz a seguinte observação:

A ética, parte da filosofia que estuda os deveres do homem para com Deus e a sociedade, vem do *ethos*, termo grego que significa o conjunto de condutas morais pelas quais o grupo humano, mesmo antes de qualquer prescrição cotidiana, busca padrões de viver e conviver

<sup>9</sup> LEONE, Alexandre. *Mística e razão: dialética do pensamento judaico*. São Paulo: Perspectiva. 2011, p. 75.

<sup>10</sup> VALLS, Álvaro L. M. *O que é ética*. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2008. p. 7.

<sup>11</sup> KÖRTNER, Ulrich H. J. *Introdução à Hermenêutica Teológica*. Tradução de Paul Tornquist. São Leopoldo: Sinodal/EST, p. 29.

<sup>12</sup> KÖRTNER, 2009, p. 37.

que lhes garantam sua preservação e desenvolvimento, de maneira a atingir o nível possível de felicidade, numa vivência sensata. Ética é a reflexão racional sobre os *ethos*, e se distingue da moral, que é uma ciência normativa<sup>13</sup>.

Partindo dessa afirmação, percebe-se que a ética não somente pergunta pelo que é, mas vai além, perguntando não só pelo que deve ser, como também questiona, levantando o porquê é correto fazer perguntas éticas e errado evitá-las. Neste sentido é Levinas que sacode as estruturas ao afirmar:

Nós chamamos ética uma relação entre termos onde um e outro não estão unidos nem por uma síntese de entendimento, nem por uma relação de sujeito e objeto e onde, no entanto, um pesa ou importa ou é significativo em relação ao outro, onde estão ligados por uma intriga que o saber não podia esgotar nem desdobrar<sup>14</sup>.

A partir de e com Levinas, afirma-se hermeneuticamente que a ética possui, não somente uma relação de alteridade e interioridade, mas principalmente, uma relação de anterioridade em relação à ontologia. Ao fazer todo esse movimento, tendo visto o que é ética e comparando com moral, Nietzsche é lembrado ao afirmar que “A moral não passa de uma interpretação – ou mais exatamente de uma falsa interpretação – de certos fenômenos”<sup>15</sup>.

Nietzsche faz essa afirmação, ao muito provavelmente trabalhar com a ideia de que a ética (e a moral) é posterior à vida e, portanto, uma construção humana. Em sendo dessa forma é uma interpretação da vida. O que se chama atenção então é que não é “a” interpretação da vida, mas, apenas mais uma interpretação da vida e isto é o que Nietzsche considera que é uma falsa interpretação. Sendo desta forma:

<sup>13</sup> ÁVILA, F. B. de. *Folhas de Outono: ética e valores*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 45.

<sup>14</sup> LEVINÁS *apud* BUCKS. RENÉ. *A Bíblia e a Ética: A relação entre a filosofia e a sagrada escritura na obra de Emanuel Levinas*. São Paulo: Edições Loyola, 1997, p. 101.

<sup>15</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos, ou Como se filosofa com martelos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 67.

A luta desenfreada pela busca de um revigoramento da racionalidade como fonte de todo e qualquer pensamento ético, hoje, não é sintoma do imperialismo da razão, mas de sua decadência. Se estamos em busca de um novo pensamento ético, é porque já saímos daquele horizonte racional desde o qual ele emerge<sup>16</sup>.

Mundo grego clássico e mundo hebraico antigo estão dispostos aqui. O primeiro, o berço da racionalidade e da ética raciocêntrica, que apresenta sinais de decadência. O segundo, manjedoura do Cristo, que apresenta a Palavra de Deus. Ambos estão na matriz da civilização ocidental, no entanto, enquanto que o primeiro é declinante, o segundo é ascendente, enquanto perspectiva de um compromisso ético, pois a ética baseada na racionalidade exclui a não-racionalidade ou o mistério de sua fala e de sua ação. Já a ética advinda da palavra divina, tem como centro não a racionalidade, mas a não-racionalidade, onde não se exclui a razão e tampouco se propõe submeter uma a outra. A perspectiva oriunda daqui tem como centro o mistério, onde fé e razão estão em diálogo permanente, trafegando num universo onde o falar e o agir acontecem sem dicotomia, mas sim em comunhão. Deve-se entender que esses dois mundos não se excluem ou se anulam, ao se tratar de um, remete-se imediatamente ao outro. Jesus, onde a Palavra humana e a Palavra de Deus se fazem únicas, faz a fusão, propondo o Projeto ético do Reino de Deus, que não é expressão de racionalidade, mas sim de não-racionalidade, manifestada na forma de mistério na loucura da cruz.

## 2. Uma civilização: dois livros

Dois grandes conjuntos de livros estão na base da fundação da civilização ocidental. O primeiro deles é vinculado às narrativas míticas gregas clássicas e o outro às narrativas míticas judaico-cristãs. Mas o que é uma narrativa mítica?

---

<sup>16</sup> CABRAL, Alexandre Marques. *Heidegger e a destruição da ética*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Manual Editora, 2009, p. 25.

O que o mito narra é um transacontecimento que tem a função de ser modelo exemplar de acontecimentos históricos. Assim entendido o mito, é necessário inverter o sentido de visualização anterior: o histórico no mito não é o acontecimento exemplar (que é imaginário), mas a realidade humana que ele quer interpretar na forma de uma conexão com o mundo transcendente dos deuses. Tal realidade histórica está ‘refletida’ no relato mítico; está ali como em um negativo de fotografia<sup>17</sup>.

Nesse “negativo em fotografia” tem-se a Odisséia como ponto marcante desse primeiro conjunto literário. A Odisseia narra um retorno para casa, uma volta ao lar, uma busca interior, um retorno às origens. O segundo conjunto citado, a Bíblia, tem na sua primeira parte, que denominamos de texto vetero-testamentário, o Êxodo como ponto marcante. Êxodo tem origem no grego *exodus*, que quer dizer saída. Neste livro tem-se a narrativa da saída do povo hebreu do Egito em direção à “Terra prometida”, sendo conduzidos por Moisés. Segundo Cortella, em inglês, a palavra *exit*, possivelmente tem origem no grego *exodus*. Além de “saída”, *exit* significa “sucesso”, que em português é “êxito”<sup>18</sup>. O êxodo é um movimento para fora, é uma ida ao distante, é uma busca do outro, é uma viagem ao exterior, uma busca ao estrangeiro. Buscar o estrangeiro é lançar-se ao mar, no caso do Êxodo o “deserto”, para então ao sabor do vento favorável – “e não há vento favorável para quem não sabe onde quer chegar” (Sêneca) – deixar o porto, encarar o oceano ou deserto (que simbolicamente são as forças do inconsciente, do mistério ou da própria vida) e não ter medo de mudar, para ao rescindir com esse sentimento, deixar irromper o novo e seguir o poeta quando ele diz: “... deixa a vida me levar, vida leva eu..”<sup>19</sup>. Para realizar isso, é preciso mudar a mentalidade, passando para uma mentalidade humilde. Continuando e indo além, enquanto a Odisséia não é proclamação, o Êxodo é querigma.

<sup>17</sup> CROATTO, J. Severino. *A Deusa Aserá no Antigo Israel – a contribuição epigráfica da arqueologia*. RIBLA 35/36, 2001, p. 33-34.

<sup>18</sup> CORTELLA, Mario Sérgio. *Qual é a tua obra? Inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética*. 10ª ed. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 47.

<sup>19</sup> CAIS, Eri do e MERETI. Deixa a vida me levar. IN: PAGODINHO, Zeca. Deixa a vida me levar. Gravadora Universal, 2002. 3ª faixa.

É necessário voltar à Odisseia e ao Êxodo, tendo como ponto de partida a narrativa do encontro de Jesus com Nicodemos no Evangelho de João:

Havia um fariseu chamado Nicodemos, que era líder dos judeus. Uma noite ele foi visitar Jesus e disse: – Rabi, nós sabemos que o senhor é um mestre que Deus enviou, pois ninguém pode fazer esses milagres se Deus não estiver com ele. Jesus respondeu: – Eu afirmo ao senhor que isto é verdade: ninguém pode ver o Reino de Deus se não nascer de novo (João 3.1-3).

Tem-se no “nascer de novo” dois movimentos. O primeiro é o movimento da Odisseia, que é voltar para dentro de si mesmo, uma interiorização, uma volta para casa, para então, depois de ter voltado ao seu próprio útero, ao próprio “eu”, agora re-nascer, sair, realizar o “Êxodo” e com humildade proclamar o ser humano à humanidade. Este é o pensar e agir ético de Jesus:

Segundo o princípio pedagógico básico da tradição socrática, o mestre tem de representar de maneira convincente em sua própria pessoa o conteúdo de sua mensagem. As narrativas de milagres apresentam essa unidade entre mensagem e mensageiro<sup>20</sup>.

Essa síntese (unidade) entre mensagem e mensageiro é percebida no agir milagroso de Jesus, pois seus milagres têm um nexos existencial com sua pregação. Ação e pregação de Jesus formam uma unidade intrínseca, de modo que não considerar o milagre significa realizar uma espécie de mutilação da proclamação de Jesus, pois não somente o milagre tem algo a ver com um mensageiro de Deus, como também “... apontam para além do mensageiro e sua mensagem”<sup>21</sup>. Ao fazer essa afirmação, entende-se que Jesus é uma “voz”, uma mensagem e mensageiro, que não deixou nada escrito (pelo menos que se tenha conhecimento), portanto, não foi

<sup>20</sup> BERGER, Klaus. *Hermenêutica do Novo Testamento*. Tradução de Nélcio Schneider. São Leopoldo: Sinodal, 1999, p. 344.

<sup>21</sup> BERGER, Klaus. *É possível acreditar em milagres?* Tradução Luis Henrique Dreher. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 46.

um escriba, em sentido lato, metafórico ou contextual em relação ao seu tempo de vida. Jesus é um arauto, o portador das boas novas, sendo Ele as próprias boas novas.

É Heschel, que ao ser citado por Leone, faz a seguinte observação sobre a exegese da Torá, que ele entende não como lei e sim como ensinamento divino:

Cada geração tem os seus exegetas. Cada enigma tem suas soluções, e quanto mais profundo o enigma, mais numerosas as soluções. A Torá pode ser apreendida de dois modos diferentes: pela via da razão (*severa*) e pela via visionária (*hazon*)<sup>22</sup>.

É o próprio Heschel, portanto que já afirmara ser o judaísmo uma religião que bebe em duas fontes distintas que deságuam em um mesmo mar. Religião que é “... interpretada eticamente. Ela assume sempre uma importante função de orientação para o agir”<sup>23</sup>. Sobre estas duas fontes citadas elas são: a razão e o mistério. Razão, etimologicamente advém...

[...] da palavra latina ratio, cujo significado é medida. Neste sentido, razão deve ser entendida como faculdade inerente ao ente humano capaz de apresentar o real sob conceitos (...) é a faculdade que mede o real, segundo o seu poder de ação<sup>24</sup>.

Ao passo em que a razão mede o real, ela carrega em si o dizer sobre o que é o real e também constrói os critérios sobre essa medição. Dessa forma e somente assim o real é considerado real. Dito de outra forma, o que não for desse jeito, ou seja, mensurável ou compreendido pela razão não é nada. O mistério fica de fora, pois não pode ser capturado pelo real, sendo assim ele nada é. O sonho, a fábula, a mitologia, a poesia são expulsas ou não aceitas na categoria racional.

Cabe então continuar a reflexão, e ao fazer esse exercício o mesmo é realizado de forma que se possa entender dentro do possível o mistério, que não é algo oposto ao conhecimento, pois o mistério traz em si a

<sup>22</sup> HESCHEL *apud* LEONE, 2011, p. 52.

<sup>23</sup> KORTNER, 2009, p.34.

<sup>24</sup> CABRAL, 2009, p. 21.

possibilidade de ser conhecido. Entretanto, neste mesmo si está a possibilidade do “... mistério continuar mistério no conhecimento”<sup>25</sup>.

É dentro dessa áurea do mistério que se visita o milagre. Na antiguidade clássica, portanto, no contexto da Odisseia, era considerado um fato excepcional ou que não pode ser explicado; é um acontecimento extraordinário que é entendido como sinal da manifestação de Deus. A palavra mística que envolve o milagre na Odisseia tem a mesma raiz que mistério, guardando consanguinidade etimológica “... com a palavra grega *muein*, que tem o sentido de fechar os olhos e a boca, recolher-se no íntimo, chegar ao âmago”<sup>26</sup>, ou de Frei Beto que fala dos “... olhos abertos e das mãos operosas”<sup>27</sup>. A primeira é um voltar a si mesmo e diante do extraordinário, calar. A segunda é um lançar-se para fora, e diante do extraordinário, nascer de novo, e falar. Enquanto que respectivamente, uma é quietação, a outra é inquietação. Definitivamente, não pode ser esquecido que para o acontecer, o nascer de novo ou re-nascimento é necessário o voltar para dentro de si mesmo, ou seja, para realizar o Êxodo é preciso viver a Odisseia. Em Jesus esses movimentos são inseparáveis: O Êxodo e a Odisseia do milagre em Cristo!

Reitera-se de forma racional e não abrindo mão do mistério que a inspiração transcende a intencionalidade do autor. Nesta caminhada é preciso fazer uma leitura respeitosa do texto e da vida, pois ambos são por demais sagrados. Assim, ao longo dessa toada a interpretação vai sendo realizada dinamicamente e não numa exclusividade entre texto (vida) e interprete. Ao se realizar a leitura do texto bíblico, o mesmo é trazido para o hoje da história, para o presente, fazendo, pois, uma interpretação a partir do óculos que se usa na atualidade da leitura que é feita. Busca-se assim, compreender/explicar a realidade vivida, para então interferir ou não sobre a mesma. Só não se pode deixar de fazer o interpretar, o viver. Passado, presente e futuro, que são ônticos e vinculados ao tempo vulgar, possuem uma relação de linearidade e causalidade, sendo vistos como entidades separadas e/ou isoladas tais como é percebido por Agostinho:

<sup>25</sup> BETTO, Frei. *Mística e espiritualidade*. Frei Beto, Leonardo Boff. 6ª edição. Rio de Janeiro: Garamoud. 2005, p. 35.

<sup>26</sup> SALLES, João Carlos (Org.). *Pesquisa e Filosofia*. Salvador: Quarteto Editora, 2007, p. 292.

<sup>27</sup> BETTO, 2005, p. 43.

O que é [...] o tempo? [...] atrevo-me a declarar, sem receio de contestação, que, se nada sobrevivesse, não haveria tempo futuro, e se agora nada houvesse, não existia o tempo presente. De que modo existem aqueles dois tempos – o passado e o futuro – se o passado já não existe e o futuro ainda não veio? [...] O que agora claramente transparece é que nem há tempos futuros nem pretéritos. É impróprio afirmar que os tempos são três: pretérito, presente e futuro. Mas talvez fosse próprio dizer que os tempos são três: presente das coisas passadas, presente das presentes, presentes das futuras. Existem, pois, esses três tempos na minha mente que não vejo em outra parte: lembrança presente das coisas passadas, visão presente das coisas presentes e esperança presente das coisas futuras. Se me é lícito empregar tais expressões, vejo então três tempos e confesso que são três<sup>28</sup>.

Ao fazer esta confissão, Agostinho dá um passo significativo para se compreender/explicar o tempo, no entanto é com Heidegger, séculos depois que será possível ampliar essa compreensão/explicação, a partir da construção dos conceitos de vigor-de-ter-sido, atualidade e porvir, que pertencem ao que Heidegger denomina de tempo originário, pertencente ao reino do ontológico, como pode ser percebido em sua obra *Ser e Tempo*.

Numa perspectiva vulgar, enquanto que o passado é o ontem, o outrora; o presente é o hoje, o agora, e o futuro é o amanhã a aurora, tem-se uma outra perspectiva, que é do tempo originário. Neste, existe uma simultaneidade, onde o vigor-de-ter-sido é acontecido, a atualidade é acontecimento e o porvir é abertura. Assim o vigor-de-ter-sido é sempre uma retomada onde o *dasein* (a presença) é um poder-ser e enquanto poder-ser é possibilidade já realizada/a realizar. Ainda sendo retomada é um tomar de novo e de modo novo. Assim como o vigor-de-ter-sido, de certa maneira interfere sobre a atualidade, realizando sempre o acontecimento e abertura, esta última, que é o porvir, está na fronteira da antecipação, fazendo a recordação a cada instante, atualizando sempre o acontecido numa eternidade do sempre acontecimento. Ao longo do tempo (originário e em simultaneidade), que aqui é uma abertura onde o ser se revela, sempre uma nova interpretação vai interpretando o já interpretado.

<sup>28</sup> AGOSTINHO, Santo. *As confissões*. 13ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998, p. 224-225.

Tem-se, pois uma enunciação (a proposição), que “... será para nós a atividade linguageira exercida por aquele que fala no momento em que fala”<sup>29</sup>, sendo dessa forma “... portanto, por essência histórica, da ordem do acontecimento e, como tal, não se reproduz nunca duas vezes idêntica a si mesma”<sup>30</sup>, que possui significado e isto é fechado. Tem-se uma interpretação, que são as significâncias, e essas são várias, onde se entende que a proposição é derivada da interpretação e tem-se a compreensão, que é sempre abertura.

É neste sentido que vida e escritura possuem uma relação de reciprocidade, onde o interprete que a compreende/explica é constantemente interpretado e, portanto, compreendido/explicado no processo em que Deus se revela. E Ele se revela eticamente, ou seja, o modelo de se interpretar a escritura e a vida é a ética. Eis o projeto de Jesus:

O reino de Deus requer uma ética profunda, não superficial, que adentre na pessoa e chegue ao fundo do coração. A evolução ética do ser humano requer uma atitude que vai além daquilo que se vê e dirige-se ao mundo interior onde há pensamentos, sentimentos, desejos e imagens que afetam o mais íntimo da pessoa e constrói seu verdadeiro ser<sup>31</sup>.

### Considerações Finais

O grande equívoco está situado em acreditar que se pode resolver as questões morais da vida inventando uma ética de submissão que seja externa à lei. A ética de Jesus esta alicerçada no interior do ser humano, na Odisseia e no Êxodo e leva em consideração aquilo que reside no coração, na dinâmica da coragem do ser, pois esta “... é a coragem de

<sup>29</sup> ASCOMBRE E DUCROT (1974, p. 80) *apud* FIORIN, José Luiz. *As Astúcias da Enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Editora Ática, 2008, p. 31.

<sup>30</sup> ASCOMBRE E DUCROT (1976, p. 18) *apud* FIORIN, 2008, p. 31.

<sup>31</sup> SANTOS, Hugo N. *Saúde e ética na ação pastoral de Jesus*. Aconselhamento Pastoral e Espiritualidade. Anais do VI Simpósio de Aconselhamento e Psicologia pastoral. Organizado por Lothar Carlos Hoch e Thomas Heimann. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2008, p. 37.

afirmar a nossa própria natureza por sobre o que é acidental em nós”<sup>32</sup>. A partir das narrativas dos Evangelhos é possível pensar que para Jesus é mais importante o que o ser humano é do que o que ele faz, se o que ele faz tem a função específica de ser visto, entendendo que verdadeiramente na ética de Jesus, não existe separação entre o pensar e o agir ético. É Tiago quem afirma:

Portanto, a fé é assim: se não vier acompanhada de ações, é coisa morta. Mas alguém poderá dizer: “Você tem fé, e eu tenho ações.” E eu respondo: “Então me mostre como é possível ter fé sem que ela seja acompanhada de ações. Eu vou lhe mostrar a minha fé por meio das minhas ações (Tiago 2,17-18).

A partir disso é possível perceber que a ética de Jesus, seu pensar e agir éticos tem ênfase de que a verdadeira mudança necessita ter raízes profundas. Definitivamente, Jesus não se impressionava com hierarquias religiosas, nem tampouco poder eclesiástico. Para Jesus, todos os seres humanos devem estar em igual condição, sendo respeitados e possuírem dignidade na plenitude do que é ser humano, não o substantivo, mas o adjetivo, a qualidade do humano como atributo do ser. É possível pensar que Jesus não buscou eliminar a lei, mas sem dúvida Ele lhe atribui a ética, os princípios da vida, numa perspectiva que a mesma até então não possuía.

## Referências

- AGOSTINHO, Santo. *As confissões*. 13<sup>a</sup> ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- ASCOMBRE E DUCROT (1974, p.80) *apud* FIORIN, José Luiz. *As As-túcias da Enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Editora Ática, 2008.
- ÁVILA, F. B. de. *Folhas de Outono: ética e valores*. São Paulo: Loyola, 2001.
- BERGER, Klaus. *É possível acreditar em milagres?* Tradução: Luis Henrique Dreher. São Paulo: Paulinas, 2004.

<sup>32</sup> TILLICH, 1976, p. 10.

- \_\_\_\_\_. *Hermenêutica do Novo Testamento*. Tradução de Nélío Schneider. São Leopoldo: Sinodal. 1999.
- BETTO, Frei. *Mística e espiritualidade*. Frei Betto, Leonardo Boff. 6ª edição. Rio de Janeiro: Garamoud. 2005.
- BÍBLIA DE ESTUDO NVI – Nova Versão Internacional / Organizador Geral Kennet Barker; Co-organizadores Donald Burdick... (et al.). São Paulo: Editora Vida, 2003.
- CABRAL, Alexandre Marques. *Heidegger e a destruição da ética*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Manual Editora, 2009, p. 25.
- CAIS, Eri do e MERETI. Deixa a vida me levar. IN: PAGODINHO, Zeca. Deixa a vida me levar. Gravadora Universal, 2002. 3ª faixa.
- CORTELLA, Mario Sérgio. *Qual é a tua obra? Inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética*. 10ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.
- CROATTO, J. Severino. *A Deusa Aserá no Antigo Israel – a contribuição epigráfica da arqueologia*. Revista de Interpretação Bíblica Latino-americana. Petrópolis/São Leopoldo: Editora Vozes/Editora Sinodal, nº 35/36, 2001.
- NOÉ, Sidnei Vimar. *Multi e interculturalidade na América latina*. Dimensões do cuidado e aconselhamento pastoral: contribuições a partir da América Latina e do Caribe. Hugo N. Santos (ed.). São Paulo/São Leopoldo: ASTE/CETELA, 2008.
- KÖRTNER, Ulrich H. J. *Introdução à Hermenêutica Teológica*. Tradução de Paul Tornquist. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2009.
- LEÃO, Emanuel Carneiro. *Aprendendo a pensar*. Vol 01. 5ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1977.
- LEONE, Alexandre. *Mística e razão: dialética do pensamento judaico*. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- BUCKS, RENÉ. *A Bíblia e a Ética: A relação entre a filosofia e a sagrada escritura na obra de Emanuel Levinas*. São Paulo: Edições Loyola, 1997.
- MAZZAROLO, Isidoro. “A ética e a diaconia da eucaristia”. In: Exigências éticas na Bíblia. *Estudos Bíblicos* 77, 2003, p. 55-66.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos, ou Como se filosofa com martelos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

- SALLES, João Carlos (Org.). *Pesquisa e Filosofia*. Salvador-Bahia: Quarteto Editora, 2007.
- SANTOS, Hugo N. *Saúde e ética na ação pastoral de Jesus*. Aconselhamento Pastoral e Espiritualidade. Anais do VI Simpósio de Aconselhamento e Psicologia pastoral. Organizado por Lothar Carlos Hoch e Thomas Heimann. São Leopoldo: EST/Sinodal. 2008.
- TILLICH, Paul. *A Coragem de ser*. Tradução de Eglê Malheiros. 3ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Teologia sistemática*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.
- VALLS, Álvaro L. M. *O que é ética*. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Editora Brasiliense, 2008.
- VAZ, Henrique Cláudio Toledo de Lima. *Escritos de filosofia*. São Paulo: Loyola, 1999. Vol. 4. Introdução à ética filosófica, t.1.

Submetido em: 26/09/2015

Aceito em: 03/11/2015